

Divisão de Trabalho

Gary North

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Dezessete séculos antes de Adam Smith escrever sua famosa passagem sobre a divisão do trabalho numa fábrica de alfinete, o apóstolo Paulo escreveu o capítulo 12 da Epístola aos Romanos. Nesse capítulo, Paulo descreveu a igreja como um corpo. Para funcionar corretamente, um corpo deve ter membros. Cada membro tem um papel único a desempenhar no corpo. Paulo também prosseguiu esse tema no capítulo 12 de Primeira de Coríntios. Essa é uma defesa da idéia da divisão de trabalho, que foi uma das pressuposições analíticas fundamentais de Smith, a outra sendo o interesse pessoal como o fator motivador primário num mercado livre.

A discussão de Smith da produtividade de uma fábrica de alfinetes (alta) comparada com a produtividade de um altamente habilidoso fabricante de alfinete (baixa) é provavelmente a passagem mais famosa na história do pensamento econômico. A discussão de Paulo da igreja como um corpo interdependente é menos familiar, a despeito do fato que chamamos os membros da igreja de *membros*.

Esse comentário depende do conceito de divisão de trabalho de Paulo num ambiente actual: a igreja institucional. O mercado livre não é uma instituição actual, pois não foi criado por um voto (com maldições estipuladas) diante de Deus. Antes, ele é a criação de acordos voluntários e contratos sob a lei. Com respeito à divisão de trabalho, a igreja é um modelo para o mercado livre. O outro modelo é a família. Esses são modelos separados. Paulo não discute a igreja como uma extensão da família, nem discute o Estado como uma extensão da família. Essas três instituições actuais são separadas. Elas são julgadas por padrões separados.

Com isso como o pano de fundo, começemos um estudo da Epístola aos Romanos como uma diretriz para a economia.

A divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho. A diferenciação das ocupações e empregos parece haver-se efetuado em decorrência dessa vantagem. Essa diferenciação, aliás, geralmente atinge o máximo nos países que se caracterizam pelo mais alto grau da evolução, no tocante ao trabalho e aprimoramento; o que, em uma sociedade em estágio primitivo, é o trabalho de uma única pessoa, é o de várias em uma sociedade mais evoluída. Em toda sociedade desenvolvida, o agricultor geralmente é apenas agricultor, e o operário de indústria somente isso. Também o trabalho que é necessário para fabricar um produto completo quase sempre é dividido entre grande número de operários. Quantas são as atividades e empregos em cada setor da manufatura do linho e da lã, desde os cultivadores até os branqueadores e os polidores do linho, ou os tingidores e preparadores do tecido! A natureza da agricultura não comporta tantas subdivisões do trabalho, nem uma diferenciação tão grande de uma atividade para outra, quanto ocorre nas manufaturas. É impossível separar com tanta nitidez a atividade do pastoreador da do cultivador de trigo quanto a atividade do carpinteiro geralmente se diferencia da do ferreiro. Quase sempre o fiandeiro é uma pessoa, o tecelão, outra, ao passo que o arador, o gradador, o semeador e o que faz a colheita do trigo muitas vezes são a mesma pessoa. Já que as oportunidades para esses diversos tipos de trabalho só retornam com as diferentes estações do ano, é impossível empregar constantemente um único homem em cada uma delas. Essa impossibilidade de fazer uma diferenciação tão completa e plena de todos os diversos setores de trabalho empregados na agricultura constitui talvez a razão por que o aprimoramento das forças produtivas do trabalho nesse setor nem sempre acompanha os aprimoramentos alcançados nas manufaturas.

Adam Smith, *The Wealth of Nations* (1776), cap.1

Fonte: Introdução do livro *COOPERATION AND DOMINION, An Economic Commentary on Romans*, Gary North.